

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: DAR UMA CHANCE

Carla Cristiane Schneider¹

Leandro Steiger²

RESUMO: Muitas vezes nos deparamos com mulheres que ao estarem no seu limite de agressões por parte de seu cônjuge passam a procurar uma ajuda externa e quando as instituições recebem-nas possuem muitas dificuldades em ajudá-las, sua alta estima está completamente abalada, encontra-se inseguras, sem perspectiva de vida e não estão dispostas a mudanças o que dificulta o trabalho das políticas públicas voltadas às mulheres e o inevitável acaba ocorrendo, pois estas usuárias acabam retornando as suas casas e convivendo com o agressor.

Palavras-chave: violência, mulher, espaço doméstico.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O termo violência contra a mulher é muito abrangente, contempla todo tipo de comportamento que cause sofrimento físico, psicológico ou sexual ela pode ser definida como sendo: qualquer ato de violência com base no sexo que cause ou possa causar um dano físico sexual ou psicológico às mulheres ou provocar sofrimento privando-a do direito a liberdade.

Etimologicamente, a violência origina-se do latim vis, que significa força e se refere às noções de constrangimento e de uso da superioridade física sobre o outro, mas não é somente o abuso da força física que está presente no dia-a-dia das mulheres, não podemos esquecer a força psicológica.

Neste artigo será tratada a violência doméstica onde as agressões contra as mulheres são praticadas por seus próprios maridos e a sua dependência diante da situação em que se encontra.

¹ Acadêmica de Serviço Social das Faculdades Integradas Machado de Assis – FEMA.

² Professor do Curso de Serviço Social.

1- A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Atualmente percebemos o um mundo mais violento onde as agressões estão partindo das próprias casas, do convívio familiar, o que deveria ser o nosso canto de proteção passa a ser uma ameaça. Diariamente lê-se nos jornais sobre atos de violência em lares de todos os lugares.

Agora, mais do que nunca, está em alta a violência contra mulheres , grande parte da população sofre algum tipo de agressão. Vemos mulheres maltratadas, agredidas, violentadas e estupradas. Agressões, violências e maus tratos existem porque existem agressores. Sabe-se que todo comportamento é aprendido, o que também acontece com o comportamento agressivo. Haverá um meio de evitar ou diminuir a violência e a agressividade? É difícil sim, mas tudo é possível.

Portanto a violência doméstica pode ser entendida como um fenômeno com características específicas na sociedade moderna, apresentando-se em todas as classes sociais. Configura-se como um problema que causa sérios danos a saúde física e mental, prejudicando o desenvolvimento pessoal e social das mulheres.

No Brasil, assim como em diferentes localidades do mundo as mulheres são vítimas de violência doméstica que é caracterizada como toda a ação ou omissão que prejudique o bem estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento das mulheres.

Desta forma, a violência causa sérios danos à vida da mulher, pois ela torna-se uma pessoa alienada, com baixa estima e propensa a doenças principalmente mentais. Quando nos deparamos com uma mulher que ha anos sofre algum tipo de violência podemos observar a sua expressão melancólica, as suas atitudes lentas e o seu olhar parado dando a impressão que não estão presentes no local e muitas afirmam que fazem o uso de anti- depressivos.

Por tratar-se de um ato de discriminação e uma violação dos direitos humanos tais como: direito à liberdade, à saúde, à segurança, à proteção em condições de igualdade onde a mulher não deve ser submetida a torturas ou tratamentos cruéis, inumanos ou degradantes, a violência deve ser tratada e diagnosticada o mais rápido possível.

A mulher tem direito de viver uma vida livre de violências. Portanto, a violência contra a mulher é uma violação de seus direitos humanos fundamentais. Ela impede sua cidadania plena, desconhece sua condição de sujeito de direitos.

Nos perguntamos se é justo a mulher ser vista como inferior ao homem e porque ainda nos dias atuais ela aceita condições de submissão diante do seu parceiro dispensando ajuda.

2-Por que as mulheres não reagem e continuam com seus 'maridos agressores?

A cultura acaba determinando certos papéis diante da sociedade entre homens e mulheres, ditando o que cada um deve cumprir. Um exemplo disso é que as meninas impostamente gostam de rosa, são mais calmas e realizam pequenas tarefas domésticas e os meninos gostam de azul, são mais agitados e realizam trabalhos externos.

Na nossa cultura aprendemos que o homem é o chefe da família; ele tem um lugar de destaque. Está certo. A Bíblia nos afirma que o marido é o cabeça do casal, mas ele não é superior à mulher. São iguais perante Deus. Ele deverá ser respeitado e honrado como a pessoa mais importante. Mas é dever do homem respeitar e honrar sua família primeiro, ele deve dar o exemplo.

A mulher brasileira foi criada e educada para ser esposa, mãe e serva de todos. As tarefas domésticas e o cuidado dos filhos recaem sobre a mulher, mesmo que ela possua a sua vida profissional e a auxilie financeiramente nas despesas da casa. Em muitas famílias o marido não move uma cadeira dentro de casa: chega do trabalho, lê o jornal, muda o programa de televisão que os demais familiares estejam assistindo e coloca no canal de sua preferência sem pedir licença, e ninguém deve questionar ou atrapalhar.

A mulher historicamente sempre aprendeu que seu papel é de submissão: primeiro ao pai, depois ao marido. Ela não tem vez! Será que isso ainda é válido nos nossos dias?

Mesmo com os atuais movimentos feministas e órgãos públicos de defesa à mulher, muitas continuam sendo submissas, agredidas e violentadas pelos próprios maridos.

Em alguns países orientais a situação é ainda mais drástica pois as mulheres continuam sendo segregadas, subjugadas e vivendo como se não existissem, servindo apenas de objeto procriador pelo homem um fato que torna-se normal e indiscutível para eles onde a cultura fala mais alto

3- A MULHER DEPENDENTE

No último século, houve importantes mudanças no mundo em relação à mulher onde conseguiu uma maior individualidade. Porém, houve uma defasagem nesta evolução, com a manutenção da crença compartilhada de que pessoas *precisam* da companhia, da atenção e do amparo umas das outras, como se fossem frágeis por natureza. Isto resultou na manutenção da imaturidade emocional de muitos adultos, especialmente no ambiente familiar, o que é definido como dependência cultural, emocional e financeira

E por que isto é um problema? Porque quanto mais severa a dependência, mais a pessoa tende a colocar as suas possibilidades de escolha e ação nas mãos do outro. Um segundo motivo é que, assim como a criança se fixa na mãe, o dependente tende a se fixar num companheiro, como se este fosse a sua salvação e passa a exigir que este supra as suas necessidades. Além disto, ela sofre de baixa auto-estima, sentimento de inferioridade e de não merecimento, baixa autoconfiança, pouco autoconhecimento e incompetência para administrar as próprias vidas

A prevalência é maior entre as mulheres porque elas aprendem a dar mais importância às relações desde criança. No início de um namoro, a dependência pode parecer natural, inofensiva e até mesmo agradável. Num plano consciente ou não, esta mulher tem a expectativa de ser cuidada e protegida pelo parceiro, ou seja, deposita nele as funções de um pai, o que demonstra sua imaturidade. Mais adiante, um sinal do distúrbio se dá quando ela freqüentemente faz jornada dupla de trabalho, tendo que cuidar da casa, dos filhos e da alimentação da família, além do seu trabalho externo. Este é um exemplo de quanto o machismo ainda está presente na sua intimidade.

Aparentemente, ela nem se dá conta de quanto compactua com o machismo, oferecendo estas vantagens ao companheiro. Analisando-se, nota-se que este esforço ou sacrifício já é um fruto da dependência e da sua crença de que precisa daquele homem para ser feliz e do seu medo de perdê-lo. Isto também faz com que ela ceda a outras vontades, jogos ou imposições do companheiro e submissões. Assim, colocando-se como dependente ou infantil, ou seja, numa posição hierarquicamente inferior na relação, ela abre uma brecha perigosa para o abuso de

poder por parte do parceiro, isto é, o início do processo da violência psicológica ou física.

Por que, mesmo sob sofrimentos e humilhações as mulheres continuam com seus maridos agressores? Isto envolve muitos fatores um deles está ligado ao medo de serem mais agredidas, caso se disponham a levá-los às barras do tribunal, apresentando suas queixas, ou contratando um advogado para obter o divórcio. O homem violento não admite que o denunciem ou lhe peçam a separação. Seria grande humilhação para ele ir a uma delegacia e ser chamado à atenção por algo que ele julga estar correto onde a mulher em sua concepção só apanha porque merece.. Por isso, volta-se para a esposa com ameaças e mais violências e estas por temerem novas agressões e até a morte, continuam convivendo com seus maridos.

A mulher continua sendo agredida e não deixa a casa também pelo fator financeiro, por não ter meios de sobrevivência para si e para seus filhos, sem condições de sustentá-los caso resolver abandonar o lar. Já existem no Brasil, em várias cidades, casas que abrigam essas mulheres agredidas e seus filhos, até que elas consigam um trabalho e tenham como sobreviver. Os lugares onde estão situadas estas casas não são divulgados para que os maridos agressores não as descubram e venham a molestá-las novamente. Mas mesmo assim, muitas mulheres têm medo de serem ainda prejudicadas pelos esposos. Percebemos a necessidade de um apoio para que estas mulheres saiam de sua vida conjugal e que tomem tomem uma atitude que poderá mudar as suas vidas atitude esta que só vem a mudar para o melhor mas infelizmente elas só percebem isto quando aceitam o apoio de pessoas externas como a rede de atendimento a mulher.

Muitas mulheres não tomam a decisão de fugir dos seus agressores porque não desenvolveram uma elevada auto-estima. Nunca trabalharam fora e não conhecem capacitar-se ao trabalho, por isso sentem-se desencorajadas pois não possuem autoconfiança. Por causa do mau relacionamento conjugal tiveram experiências que não as ajudaram a acreditar em si mesmas, sentindo-se incapazes de sobreviver sem os maridos.

Elas foram tão desvalorizadas, criticadas e maltratadas durante a vida conjugal que perderam a confiança em si mesmas, perderam o sentido do valor pessoal, e nunca pensaram em se preparar para algum dia enfrentarem a vida sozinhas. Isso acontece mais com esposas que foram sempre donas de casa, que

pensaram apenas no marido, nos filhos, na casa e não tiraram tempo para cuidarem de si mesmas preparando-se para os revezes da vida. Infelizmente, este perfil de mulher é muito comum.

A auto-estima tem que ser trabalhada cada dia sendo um processo dedesenvolvimento pessoal. Não se eleva ou se rebaixa a auto-estima de alguém de um momento para outro. O processo é longo, demorado. Tantas vezes a esposa foi humilhada como pessoa, desacreditando em suas potencialidades, que não se atreve a sair da situação familiar e se torna incapaz de procurar um emprego ou atividade que a ajude a superar o fracasso com o marido.

A mulher terá que procurar meios de elevar sua auto-estima e acreditar no seu valor pessoal. Buscando novos caminhos e desenvolvendo seu potencial criador, encontrará novas chances de sobreviver, e quem sabe de maneira muito mais positiva do que quando estava com seu marido.

As mulheres estão sujeitas a vexames morais, são forçadas sexualmente, violentadas, espancadas e não sabem como se defender diante da lei. Se houvesse realmente a busca destas mulheres quanto a denuncia muitos maridos estariam atrás das grades. Infelizmente este é um grande problema social acrescido do não cumprimento da lei e da lentidão em se aplicar sanções legais aos agressores e também da omissão por parte das mulheres.

Ao analisarmos um dado estatístico pecebemos de um modo geral, que no Brasil, os indicadores de violência contra as mulheres retratam apenas a violência denunciada. Os indicadores tendem a referir a apenas uma pequena parcela dos casos. Ou seja, tendem a retratar as diferentes práticas de violência ocorridas na maioria das vezes por pessoas de classe de baixa renda e, sobretudo, restringem-se à violência física. Constatou-se que as denúncias das mulheres pobres são mais freqüentes que as mulheres com maior poder aquisitivo, pois estas dispõem de outros recursos de proteção, sendo assim conservam o sigilo do acontecimento.

Muitas mulheres ao serem agredidas não procuram um centro de apoio, algumas não possuem a informação correta ou temem não serem ouvidas aos serem atendidas achando que o fato só ocorreu por culpa delas.

Ela somente vai fazer a denuncia quando está no seu limite e não agüenta mais conviver com tamanha violência, neste estágio ela passa a entender que não conseguirá evitar as agressões e que nada vai mudar, decidindo então a dar um basta nas agressões.

3.1-DEPENDÊNCIA FINANCEIRA

A dependência financeira também é um fator de peso. Muitas mulheres estão pressas a situação econômica, têm medo de perderem os seus lares, suas contas no banco, privilégios, regalias. Já outras, por sua vez, têm pouco ou nenhum acesso ao dinheiro, não trabalham ou encontram-se desempregadas e o único dinheiro que dispõem é do parceiro onde serve apenas para pagar as despesas da família.

Sentem medo de possuir dificuldades financeiras com a separação de não dar conta das despesas da casa e dos filhos.

Quanto maior a dependência da mulher que sofre a violência conjugal, menores são suas possibilidades de abandonar a relação ou seja quanto mais presa a mulher estiver ao casamento, mais obstáculos ela encontrará para terminá-lo.

Normalmente falam que as mulheres pobres com pouco ou nenhum acesso à educação formal, costumam não fazer nada quando sofrem violência. Todavia pesquisas revelam que elas podem terminar o casamento com mais facilidade que as mulheres de classe média alta onde teoricamente teriam condições de abandonar os parceiros violentos, mas nem sempre o fazem, pois o que as prende aos parceiros é o outro lado a dependência emocional.

3.2-DEPENDÊNCIA EMOCIONAL

A dependência emocional é um tipo de patologia emocional e de relacionamentos, recentemente descrita por estudiosos do comportamento humano nos EUA. É uma experiência comportamental patológica alteradora o estado de humor. Todos nós, seres humanos, precisamos criar e desenvolver vários tipos de elos e ligações com os outros. Precisamos de relações amorosas, vínculos e laços afetivos. Contudo, surge um sério problema quando esses vínculos e laços se tornam padrões disfuncionais repetitivos de insatisfação, insegurança, infelicidade, rejeição, de vergonha e culpa, baixa auto-estima, isolamento, raiva e ressentimento e dependência. Isto significa que o amor levado a um extremo poderá conduzir ao sofrimento e desgoverno a que podemos designar de dependência emocional – “o amor é cego”. Na dependência emocional uma das razões pela quais este tipo

de problema é uma realidade é ser progressivo, isto é, á medida que as pessoas à nossa volta ficam mais disfuncionais podemos começar a reagir de forma mais intensa. O que começou com uma pequena preocupação pode desencadear isolamento, depressão, doença física, emocional ou fantasias suicidas. Uma coisa conduz à outra e as coisas pioram.

Em uma relação violenta as mulheres dependentes emocionalmente dos companheiros, sentem-se incapazes de agirem, elas costumam ser chantageadas e frequentemente cedem às chantagens. Sentem culpa medo e vergonha. Acabam protegendo o agressor e a relação justificando o comportamento violento do marido. Ao mesmo tempo sentem raiva por terem sido agredidas e sofrem com a possibilidade de ficarem sozinhas.

Apresentam-se em um estado emocional profundamente abalado, uma conseqüência da violência vivida em casa, estão sem vontade de viver com a auto-estima baixa e propensa a doenças.

3.2.1-Algumas características de dependência emocional

Viver em função da própria relação. Não restam energias para outros compromissos.

Limites débeis nas fronteiras do ego. (A noção errada de que os dois devem ser um).

Abuso físico e/ou emocional. Após a perda do amor ficam incapazes de terminar a relação. Medo de tomar risco saudáveis e resistência exacerbada à mudança.

Sente-se ameaçados. Limitados na evolução/desenvolvimento individual.

A verdadeira intimidade é transformada como uma ameaça. A mulher sente-se exposta e vulnerável.

Representação de jogos psicológicos onde a relação é um palco de representações (vítima salvador e perseguidor).

Falta de espontaneidade na troca de afetos – “Só dou se receber em troca”
Focarem-se nos outros e naquilo que eles precisam mudar.

Depender dos outros para se sentir completo, seguro e equilibrado.

Procurar “milagres” externos para resolver problemas na relação.

Desenvolver expectativas irreais, exigir o amor incondicional do outro.

Sentimentos de abandono, solidão e extrema insegurança na relação. Antecipar situações catastróficas e negativas (ansiedade, depressão, excitação, culpa e baixa auto-estima). Evitar aquilo que tememos por ex. medo da intimidade.

Esperar que o parceiro adivinhe, e seja o responsável pelo bem estar do outro, comportamentos manipuladores de forma a manter a desigualdade na relação.

3.3-DEPENDÊNCIA CULTURAL

A nossa tradição ocidental de amar e de ser amado é um conceito ultrapassado e disfuncional que promove a dependência em relação ao parceiro. Vivemos para a posse das coisas (materiais) e de poder sobre os outros. Aprendemos que ser homem é reprimir sentimentos e ser “duro” (macho) as únicas emoções permitidas são a raiva, a excitação e o desejo sexual. Quando o homem se sente embaraçado, inseguro e triste sente-se inadequado e zangado. Ser mulher é agradar, ser submissa, é saber satisfazer e adaptar-se ao parceiro. Por vezes, é a mulher que se preocupa em comunicar e zela pela “saúde” da relação e da família é ela que traz a calma e a tranquilidade para ao lar cuidando do marido e seus filhos.

Tanto os homens como as mulheres sofrem nas relações amorosas, o homem e a mulher são diferentes aprendemos erradamente que as diferenças significam desigualdade, incompatibilidade, competição e afastamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contudo percebemos que a mulher e o homem foram criados com diferenças através da cultura, do modo que o mundo foi lhes apresentado, as diferentes formas de poderes que um apresenta sobre o outro.

Quando uma mulher é agredida muitas vezes ela se sente culpada e merecedora da agressão e sempre busca esconder o fato pensando que este ato não vai mais se repetir onde o mesmo só ocorreu por uma falha que ela mesmo realizou.

Não pensa em se separar devido a dependência que possui sobre o seu parceiro, têm medo de tomar uma atitude errada e futuramente se arrepender, sente-se incapaz de viver só e criar os filhos sozinha.

É difícil mostrar o outro lado da moeda para estas mulheres pois elas estão alienadas a um casamento falido.

Pelos noticiários temos o conhecimento de mulheres que após agressões e violências praticadas, vão à Delegacia da Mulher, apresentam suas queixas contra o marido e alguns dias depois voltam lá para retirar a queixa nos perguntamos se isto é medo, covardia ou amor demais? Gostam de ser agredidas? O que leva a mulher a retirar a queixa? Só essas mulheres poderão responder a estas perguntas.

Os motivos são variados e muitas vezes são determinados por uma combinação das razões acima citadas. Para diminuir a agressão às mulheres torna-se necessária uma maior conscientização e divulgação dos direitos da mulher, e que os maridos também tomem conhecimento desses direitos e das penalidades a que estão sujeitos, se não obedecerem à lei e assumirem seus deveres para com suas famílias.

Não podemos abandonar-las, com coragem e esforço próprio os problemas serão contornados e ela poderá se realizar como pessoa dentro da sociedade.

Sabemos que o atendimento é importante é que ele é dever do Estado combater a violência contra as mulheres e dar apoio e assistência às mulheres vítimas de violência para tanto deve haver um ação com diversas áreas da prefeitura (assistência, saúde, habitação e políticas voltadas às mulheres.).

REFERÊNCIAS

Alguns tipos de violência contra as mulheres: disponível em: www.unimontes.br/ .
Acesso em: 10 out. 2009

Dependência emocional: Disponível em: www.mulher.com.br/template. Acesso em:
25 set. 2009

Mulher agredida denuncia e depois recua: Disponível em: www.violenciamulher.org.br